

## INCLUIR O QUEER E QUEERIZAR A INCLUSÃO: A SEXUALIDADE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Pâmela Suelen Gama da Cruz<sup>1</sup>  
Helena Altmann<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto é o recorte de uma pesquisa de mestrado em que foi desenvolvida uma análise fílmica da série *Atypical* e teve como objetivo refletir sobre a sexualidade de um sujeito neurodivergente e quais regimes de verdade regulam essa experiência na sociedade contemporânea. A sexualidade das pessoas autistas, assim como de outros grupos neurodivergentes, é frequentemente invisibilizada e estigmatizada, sendo tratada sob um viés patologizante que desconsidera suas particularidades e complexidades. Para compreender essa dinâmica, a pesquisa articula os Estudos de Gênero, os Estudos sobre Deficiência e a Neurodiversidade, demonstrando como esses campos teóricos possibilitam uma leitura interseccional sobre os processos de marginalização e normatização dos corpos e das experiências afetivas. O estudo evidencia que as relações afetivas são resultado de um processo de aprendizagem social que, muitas vezes, impõe normas rígidas sobre como os sujeitos devem sentir, se expressar e interagir. Essa normatização favorece um modelo hegemônico de relacionamento e sexualidade, marginalizando aqueles que fogem a esses padrões, como pessoas autistas e outras com deficiência, frequentemente vistas como abjetas e desprovidas de desejo ou autonomia. A narrativa da série *Atypical* ilustra esse cenário ao retratar os desafios enfrentados pelo protagonista para compreender e vivenciar sua própria afetividade dentro de uma sociedade dita neurotípica. A pesquisa, portanto, tem como objetivo despatologizar as singularidades, questionando a medicalização das diferenças e propondo novas formas de compreender as relações sociais. Ao desafiar as normativas capacitistas e heteronormativas, ampliando as possibilidades de existência e convivência, garantindo que sujeitos neurodivergentes tenham seu direito à diferença respeitado e possam construir experiências afetivas que não sejam limitadas por um modelo excludente e normalizador.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Autismo, Estudos Crip, Inclusão, Neurodiversidade.

### INTRODUÇÃO

As produções audiovisuais contemporâneas têm se tornado espaços privilegiados para a construção e circulação de discursos sobre o corpo, a diferença e a normalidade. Longe de serem apenas produtos de entretenimento, filmes e séries atuam como dispositivos pedagógicos que ensinam modos de sentir, de desejar e de existir no mundo. Nesse sentido, a cultura visual funciona como um campo de produção de saberes e de subjetividades, onde se articulam representações que moldam o que entendemos como

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Estadual de Campinas – SP, [gamacruz@outlook.com](mailto:gamacruz@outlook.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Professora associada (livre docente), Universidade Estadual de Campinas - SP, [altmann@unicamp.br](mailto:altmann@unicamp.br).



“vida normal”, “comportamento adequado” e “modo correto de ser” (CRUZ, 2022a). É nesse horizonte que se insere a série *Atypical* (Netflix, 2017–2021), escolhida como objeto desta pesquisa por abordar o autismo e a sexualidade sob uma perspectiva que busca problematizar as fronteiras entre o que é considerado “normal” e o que é lido como “desvio”.

O ponto de partida deste estudo é o reconhecimento de que o autismo não é um transtorno a ser curado, mas uma forma singular de estar e de perceber o mundo. Compreender o autismo sob essa ótica implica romper com o paradigma médico-patológico que historicamente reduziu as diferenças neurológicas a falhas, anomalias ou disfunções (CRUZ, 2022a). Quando passamos a enxergar o autismo como expressão da diferença humana, somos levados a repensar não apenas os discursos clínicos, mas também as estruturas sociais e culturais que hierarquizam os modos de sentir e de agir. Há, portanto, uma urgência em deslocar o olhar: em vez de tentar normalizar o sujeito autista, é preciso questionar o porquê de nossa sociedade produzir modelos tão estreitos de normalidade, nos quais qualquer diferença é prontamente medicalizada ou corrigida.

Vivemos em uma cultura que patologiza inúmeras formas de ser: corpos inquietos, emoções intensas, silêncios, modos de comunicação não convencionais e sensibilidades exacerbadas são frequentemente vistos como sinais de desajuste, anomalia ou doença. Tal processo revela a existência de uma pedagogia normativa — uma pedagogia cultural — que nos educa, desde cedo, a modular gestos, emoções e afetos segundo padrões socialmente aceitos (CRUZ, 2022a). Aprendemos o que é falar “adequadamente”, amar “da maneira certa”, expressar emoções “de modo equilibrado”. Esse processo educativo não é neutro: ele está atravessado por relações de poder que produzem subjetividades dóceis e ajustadas a uma ordem corponormativa e neuronormativa.

Nesse contexto, *Atypical* constitui um potente material de análise, pois oferece ao espectador a possibilidade de enxergar o mundo a partir da perspectiva de um sujeito neurodivergente. A série acompanha Sam Gardner, um jovem autista que busca compreender a si mesmo e o universo das relações amorosas, revelando tensões entre a singularidade de suas percepções e as exigências de adaptação impostas pela sociedade. Ao narrar as experiências de Sam, *Atypical* evidencia o quanto o sofrimento de pessoas autistas não decorre necessariamente de sua condição, mas das barreiras sociais, comunicacionais e afetivas que as impedem de exercer plenamente sua existência.

A escolha por *Atypical* como objeto de pesquisa justifica-se por sua relevância social e por sua capacidade de problematizar essas questões em um espaço de ampla



circulação. Ao colocar um jovem autista como protagonista de uma narrativa que trata de amor, desejo, família e amizade, a série rompe com a tradição de invisibilização e estigmatização das pessoas neurodivergentes (CRUZ, 2022a). Ela convida o público a reconhecer que existem múltiplas formas de viver a afetividade e de experienciar o mundo, e que o verdadeiro desafio não está no corpo autista, mas nas estruturas que não sabem lidar com o que é diferente.

Com isso, *Atypical* torna-se também uma ferramenta de reflexão sobre a pedagogia da normalidade. Ao acompanhar a trajetória de Sam, o espectador é levado a questionar: o que é ser “normal”? Por que determinadas expressões emocionais são consideradas aceitáveis e outras não? Como aprendemos a nos comportar para sermos reconhecidos como sujeitos legítimos? A série, ao provocar essas perguntas, expõe a dimensão educativa dos discursos midiáticos e mostra como a cultura visual participa da formação de sensibilidades e valores sociais.

Em síntese, compreender que o autismo não é um transtorno a ser curado é abrir espaço para a pluralidade das experiências humanas. É reconhecer que há tantas maneiras de sentir, perceber e estar no mundo quanto há pessoas no mundo. Ao analisarmos *Atypical* sob essa perspectiva, não buscamos apenas compreender a série, mas também repensar o modo como nós, enquanto sociedade, construímos, ensinamos e reproduzimos as normas que regulam nossas formas de viver. O audiovisual, nesse sentido, não é apenas um espelho da realidade, mas um campo de disputa simbólica onde novas narrativas sobre o corpo e a diferença podem emergir — e onde a pedagogia do normal pode, finalmente, ser desafiada.

## METODOLOGIA

Delimitar a análise fílmica como um itinerário para este pesquisar me proporcionou a reflexão sobre outros lugares; se o meu primeiro contato com a série se deu enquanto eu ocupava tão somente a posição de espectadora, como pesquisadora tive a oportunidade de pensar em outros endereçamentos disparados pela série (CRUZ, 2022a). Por exemplo, o que motiva uma das principais provedoras de filmes e séries das plataformas de *streaming* a lançar uma produção que fala sobre autismo e sexualidade? Quais saberes a série está fomentando sobre a sexualidade dos autistas e não-autistas? Quais discussões podem ser travadas a partir de *Atypical*?



Se a série questiona “quem somos nós?”, enquanto espectador(a) de *Atypical*, ela também pode ocasionar a reflexão sobre: “quem eu penso que meu filho ou minha filha é?”, “como eu me relaciono com as pessoas?”, “como eu lido com essas mesmas questões que o Sam está lidando?”, “quais são os distanciamentos e as aproximações entre a minha sexualidade e a de Sam?”. A cultura visual de *Atypical* traz para nós a perspectiva de um sujeito neurodivergente, mas também nos faz refletir sobre o impacto da sociedade normativa que coloca o neurotípico como “normal” e o autista como abjeto; Sam nos dá a oportunidade de observarmos regimes de verdade existentes no cotidiano e que podem ser imperceptíveis aos neurotípicos.

Portanto, para a realização da análise fílmica, a pesquisa adotará a série *Atypical* enquanto objeto-filme, separando-a em dois atos: desmonte e reconstrução (VANOYE; GALIOT-LETÉ, 1994). Essa obviedade pode causar um estranhamento: por que desmontaríamos uma produção que foi arduamente montada? Entretanto, a escrita do roteiro, a decupagem, a filmagem e a mixagem fazem parte do processo de criação do filme enquanto produto. Já a (re)construção deste produto acabado, consiste em passá-lo pelo crivo da análise e da interpretação. Sendo assim, “analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme” (VANOYE; GALIOT-LETÉ, 1995, p. 12), que acaba por mover e mexer em suas significações e seu impacto (CRUZ, 2022a). Conceber a produção audiovisual enquanto objeto-filme, compreendê-la enquanto uma rede de discursos e não um objeto concreto, nos auxiliará na aproximação de regime de verdades que produzem subjetividades por meio de dispositivos de saber e poder (FOUCAULT, 2008).

Por fim, a presente pesquisa realizou uma separação e descostura das duas primeiras temporadas de *Atypical*. Posteriormente, minuciosas leituras foram feitas sobre o texto fílmico que fora transcrito. Em seguida, insights foram surgindo conforme a pesquisa foi ocorrendo, desde o levantamento bibliográfico até os delineamentos conceituais e contextuais (CRUZ, 2022a).

## REFERENCIAL TEÓRICO

O modelo social da deficiência surge como resistência ao modelo médico, reivindicando que as intervenções não deveriam resumir-se à intervenção terapêutica, devendo chegar aos aspectos políticos. Abordar a deficiência enquanto uma categoria relacional permitiu a interlocução entre os campos de estudos sobre deficiência e gênero.



Inspirados pela separação de sexo e gênero, os teóricos acrescentaram na base do modelo social a distinção entre lesão e deficiência, em que lesão estaria relacionada à natureza e deficiência à cultura (DINIZ, 2003, 2007). De acordo com Sasaki (2012), hoje o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser considerado uma deficiência psicossocial e, portanto, passa a fazer parte da pauta que envolve as pessoas com deficiência.

Hoje, os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), descritos na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), descrevem-no da seguinte maneira,

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50).

Apresentamos a descrição do Transtorno do Espectro Autista (TEA) de acordo com o DSM-5 para fins analíticos, pois compreendemos a descrição do autismo como “um conceito, socialmente construído, parte de um sistema classificatório, que designa pessoas que partilham um conjunto de características e experiências comuns” (CAMARGO JR, 2019, s/p). Logo, as características existentes no DSM-5 são vistas como “um reflexo dos valores de determinado contexto histórico, que acaba por delimitar sujeitos considerados normais e anormais, reproduzindo o modelo médico da deficiência, que acredita que o sujeito que excede as normas necessita de intervenções médicas e sociais” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 76).

Desse modo, Camargo Jr. (2019) sinaliza o que há de implícito no conceito de “autismo”, demonstrando seu caráter socialmente construído, que busca delimitar indivíduos através de classificações que resultam no diagnóstico. Ressalta-se que considerar o autismo enquanto categoria socialmente construída não significa que ele não exista, mas ressaltar o contexto histórico-cultural por trás das classificações e da percepção de determinados médicos-psiquiatras que entraram em contato com sujeitos diferentes do que era considerado “normal”.



O movimento da neurodiversidade enfatiza a urgência de comunidades criarem termos que dizem respeito às suas experiências, fazendo com que exista dentro do movimento a troca de experiências e a partir disso, a construção de narrativas e visões de mundo que os autistas possuem, colocando-os como protagonistas de sua luta e, conseqüentemente, a recusa de discursos impostos por um exterior normativo (SINGER, 2017). Assim como o modelo social dos estudos sobre deficiência defende que as pessoas com deficiência (PCD) não precisam de cura, por não estarem incompletas, os neurodivergentes pontuam que não querem ser vistos como se existisse uma falha em sua personalidade ou aspectos neurológicos. As diferenças neurológicas demonstram que o modo pelo qual sentimos, tocamos, ouvimos, vemos e cheiramos não é padronizado; existem, então, sujeitos que são sensíveis às questões sensoriais e sujeitos que não são. Pessoas sem deficiência podem acabar pressupondo que há um sofrimento intrínseco à deficiência, entendendo que estar fora do que é considerado “normal” como algo doloroso.

De acordo com Judy (2017), “novas deficiências não surgem simplesmente porque certas configurações corporais ou mentais nunca existiram ou foram notadas antes. Em vez disso, elas se fundem à medida que novas formações sociais tornam essas configurações problemáticas” (s/p). Logo, é necessário refletir sobre quais mudanças sociais fazem com que uma nova deficiência seja estabelecida. Enquanto ideais regulatórios, os marcadores sociais têm o intuito de normatizar determinados corpos e existências enquanto marginalizam outros; garantir a dominância de uma diferença sobre a outra sob o discurso naturalista. Frente a isso, interpretamos o autismo enquanto “um conceito, socialmente construído, parte de um sistema classificatório, que designa pessoas que partilham um conjunto de características e experiências comuns” (CAMARGO JR, 2019, s/p).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas escolas norte-americanas, é comum a realização de festas para os alunos, não sendo diferente na trama de *Atypical*. Depois da conversa com Casey<sup>3</sup> e do encontro para

---

<sup>3</sup> Casey (Personagem interpretada por Jack Haven) é a irmã de Sam (protagonista principal).



devolução do moletom, o namoro de Sam<sup>4</sup> e Paige<sup>5</sup> é retomado. Numa cena em que estão em seu quarto, Sam compartilha seus pensamentos sobre a expedição da primeira pessoa que chegou ao Polo Sul quando é interrompido por Paige:

Paige: Quero que me leve ao Baile de Inverno.

Sam: O quê?

Paige: Imagine como seria divertido ouvir todas aquelas músicas, dançar e usar roupas chiques.

Sam: São três das coisas que eu menos gosto. E passas, porque eu não gosto de comer coisas enrugadas.

Paige: Mas Sam, isso é muito importante para mim. Só fui a bailes com parentes, e agora eu tenho um namorado. É o universo a nosso favor, não acha?

Sam: Posso ficar sentado no corredor, fora do ginásio e usar meus fones de ouvido até acabar. Vou levar umas bolachas caso eu tenha fome.

Paige: Não, isso é chato.

Sam: Não acho. Gosto de bolachas. Sabia que bolachas têm buracos para não ficarem com bolhas de ar ao assar?

Paige: Sabe, meus pais vão viajar essa noite. Então quem sabe você poderia... ir lá em casa?

Sam: Por que eu iria? Os lanches de lá são ruins. E acho que estarei cansado e com sono.

Paige: Puxa, Sam. O que devo fazer para você ir ao baile?

Sam: Se pedisse que desligassem a música e tornassem o baile silencioso, seria bom. Um baile sem música.

Paige: Um baile sem música é um baile sem pessoas.

Sam: Parece muito bom também.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Decidida a ter a companhia do namorado durante o Baile de Inverno, Paige organiza uma intervenção na reunião de mães e pais. Antes do término da reunião, a diretora anuncia que uma estudante, Paige, tem um recado para mães e pais ali presentes (CRUZ 2022a). Ao ter sua entrada anunciada, a cena é automaticamente invadida por uma música alta e as luzes começam a piscar. Os pais ficam a princípio sem compreender.

Paige: Foi desnorteador, não foi? Bom, para o meu namorado, o Sam, a vida é sempre assim. Vejam: o Sam tem autismo, o que torna muito difícil para ele lidar com situações nas quais há muitas pessoas, barulhos altos e luzes piscando. Mas isso deveria fazer o Sam ser excluído de coisas divertidas, como o baile estudantil ao qual a namorada dele quer muito ir? Não, não significa. Então, senhoras e senhores, eu lhes apresento a Noite Silenciosa, um baile possível aos autistas que é totalmente silencioso.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Durante a cena vemos April – a mãe de uma das alunas – virar para trás, direcionando-se a Elsa<sup>6</sup> e dizendo que provavelmente essa ideia é dela, mas Elsa

<sup>4</sup> Personagem principal diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), interpretada por Keir Gilchrist.

<sup>5</sup> Namorada de Sam, interpretada por Jenna Boyd.

<sup>6</sup> Mãe de Sam, personagem interpretada por Jennifer Jason Leigh.



demonstra surpresa e diz não saber nada sobre isso, assim como não sabia que Sam queria ir ao baile.

Paige: E eu já sei o que estão pensando. Silencioso? Isso é loucura. E quanto à música, não é? Haverá música. Será transmitida através de fones sem fio. E já falei com o pessoal da *Techropolis*. Eles querem doar os fones para este evento, um gesto muito legal. Então, para concluir, o Colégio Newton deve ser inclusivo para todos os estudantes. É isso. Obrigada.  
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Ao término da fala de Paige, pais e mães aplaudem e a diretora aproxima-se abrindo a proposta para ser votada. Antes de prosseguir, April levanta-se:

April: Olá. Eu marquei há meses o salão para a JJ fazer o penteado. Vai me custar uns 80 dólares. Agora vocês querem amassá-lo com um fone de ouvido grande. Eu acho que não.  
 Elsa: Quer saber? Eu sou cabeleireira. Então posso fazer o cabelo de todas as meninas de graça.  
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Ainda que April tivesse contestado a ideia, colocando como prioridade o penteado de sua filha, todos presentes concordam com a ideia do Baile de Inverno, principalmente após Elsa oferecer-se para realizar os penteados das alunas, fazendo com que desse modo ninguém saísse no prejuízo. Entretanto, mesmo com a solução aparentemente dada:

April: Não é só sobre o cabelo, certo? O Baile de Inverno é um evento pelo qual nossos filhos esperam durante toda a trajetória no ensino médio. Temos mesmo que mudar tudo para acomodar um garoto? Um baile silencioso, isso é tão... é tão triste. 131

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Todas as pessoas presentes na sala ficam sem reação:

Elsa: Sabe o que é triste? Meu filho nunca poder participar de um evento escolar, porque os sons são tão insuportáveis. Nunca ser convidado para um aniversário, porque ele era o garoto na lanchonete que não parava de gritar. O isolamento, a solidão, a falta de experiência... isso é triste. A sua filha perfeitamente saudável estragar o penteado não está na minha lista. Então...  
 Diretora: Tudo bem, vamos votar? Quem vota “sim”?  
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

A maioria dos votos presentes foram “sim”, aprovando a Noite Silenciosa. Essa cena apresenta um movimento de resistência ao capacitismo, à hierarquização de corpos vistos como legítimos enquanto outros são excluídos. Ela é liderada por uma adolescente, mostrando um diálogo intergeracional, no sentido da mudança a favor de práticas mais inclusivas no interior da escola, o que não ocorre sem conflitos. O namoro entre Sam e Paige, as conversas entre eles, a escuta por Paige da demanda do namorado e o desejo de



estar com ele na vida e na escola pública a mobilizam, promovendo uma pequena ação de mudança.

O debate acerca da educação inclusiva vem sendo fomentado há anos, entretanto, a discussão sobre integração e inclusão ainda causa desavenças; Mantoan (2017) ressalta que embora a Constituição de 1988 não permita a diferenciação devido à deficiência, é comum encontrarmos uma resistência frente às mudanças inclusivas, seja devido às barreiras arquitetônicas, atitudinais ou comunicacionais ou simplesmente por um conservadorismo que ainda está presente em nossa sociedade. Podemos utilizar como exemplo a conduta de April ao pressupor que certos corpos podem ser excluídos em prol da dominância de outros.

A sequência de cenas acima descrita indica a necessidade de mudanças em práticas escolares e nos demais aspectos que envolvem a inclusão, afinal, o debate não se encerra em muros escolares, mas na vida em sociedade como um todo. Pressupor que um aluno ou uma aluna estão incluídos pelo simples fato de estarem em um ambiente, mas sem levar em conta suas diferenças, não é inclusão. É urgente, então, lutarmos pelo direito à diferença na igualdade de direitos. Por exemplo, se as singularidades de Sam o limitam para ir até um baile, ele automaticamente está fora da celebração?

De acordo com o modelo social da deficiência, as limitações estão na sociedade e no ambiente e não no sujeito. Ao pensar que a maioria dos alunos e alunas terem ou não deficiência é o fator determinante para garantir um ambiente acessível, vemos a predominância de uma matriz corponormativa que hierarquiza quais vidas valem a pena ou não., “o direito à diferença é determinante para que sejam cumpridas as exigências dessa educação, propiciando a participação dos alunos no processo escolar geral, de acordo com as capacidades de cada um” (MANTOAN, 2017, 26). A partir de suas pesquisas, a pesquisadora também destaca o despreparo institucional e docente para lidar com essas situações:

Despreparo dos professores e a incompatibilidade das edificações, dos mobiliários, do ambiente físico das escolas, concebidos para os que se enquadram em um padrão, para aqueles que não exigem mudanças no que está estabelecido e aceito para alguns e não para todos os alunos (MANTOAN, 2017a, 27).

A partir do momento em que a escola leva adiante a ideia de um Baile de Inverno com características de uma Noite Silenciosa, ela não está selecionando quais alunos poderão celebrar ou não, mas está reconfigurando o seu funcionamento levando em conta as diferenças. Desse modo, a filha de April não deixará de estar presente no baile, assim



como Sam, pois aqui a ética inclusiva leva em conta ambas as singularidades e reconstrói o ambiente para que ele seja acessível e agradável para todos (CRUZ, 2022a). O baile não deixará de ter músicas e danças, bem como luzes, mas apenas teremos a desconstrução de uma matriz corponormativa. Frente a isso, temos a possibilidade de abraçar diferenças.

A ideia de incluir o *queer* vem ao encontro do diálogo defendido pelos estudos *crip* (MCRUER, 2021), de que aqui as diferenças não são desconsideradas ou apagadas por uma categoria normalizante. Pelo contrário, a inserção do diferente e a apropriação de sua diferença pelos sujeitos – nesse caso, um sujeito neurodivergente – possibilita *queerizar* a inclusão, pois ela não terá em seus moldes uma diferença definida (CRUZ, 2022a). Quando generalizamos a diferença, acabamos nos referindo e criando um modelo de sujeito universal e, nesse cenário, a inclusão perde o seu sentido. Frente a isso, podemos concluir que a inclusão não é algo construído *a priori*, mas é, na verdade, uma ética que se reconstrói a todo instante, diferenciando-se a todo momento para que assim possa abarcar todos, todas e todes (CRUZ, 2022a).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos da pesquisa envolveu o diálogo interseccional entre os estudos sobre gênero com os estudos *queer* e os estudos sobre deficiência e a neurodiversidade. O debate possibilitou a reflexão sobre como os transtornos mentais, assim como o gênero e a deficiência, podem ser abordados enquanto categorias socialmente construídas, variando de acordo com o que uma sociedade tende a supervalorizar em seus cidadãos. Por exemplo, a perspectiva da pedagogia da sexualidade junto a neurodiversidade possibilitou o reconhecimento de novas esferas que pedagogizam os corpos, não mais referindo-se apenas a masculinidade ou feminilidade, mas também a maneira pela qual nós desenvolvemos e construímos relações afetivas, demonstrando o quanto a sociedade tende a naturalizar as emoções e condutas dos sujeitos, encaixando aqueles que não seguem as normas desejadas em categorias psiquiátricas.

A análise fílmica de *Atypical* ressaltou o quanto os personagens neurotípicos também estão imersos em suas experiências e o quanto elas também moldam cada um deles, pois os discursos normatizadores estão presentes em corredores escolares, nos relacionamentos afetivos, nas representações culturais, na formação profissional dos sujeitos. Desse modo, o diálogo com os Estudos *Queer* forneceu reflexões que possibilitaram a compreensão de que, embora os neurodivergentes e neurotípicos sejam



vistos como antagônicos, eles são formados pelos mesmos dispositivos. O que irá categorizá-los é a aderência frente a determinadas regras, condutas e costumes, enquanto os outros que resistem às normas, são taxados de diferentes.

O *queer* encerra a subdivisão do sujeito em categorias, pois ele percebe o quanto este movimento tende a encerrar e cristalizar a subjetividade do sujeito – inclusive, os estudos *queer* questionam a própria categoria de sujeito. Se entre teóricos e teóricas dos feminismos e estudos de gênero encontramos raríssimas citações aos corpos com deficiência, os estudos *queer* fornecem debates teóricos-filosóficos que possibilitam o avanço. E de fato avançamos. Ainda que nas últimas décadas, esses campos tenham utilizado categorias analíticas muito próximas ao buscarem desnaturalizar e desconstruir discursos hegemônicos, aparentemente a questão sobre “quem é o verdadeiro sujeito político?” impossibilitava o trabalho conjunto de pautas que ainda tinham em suas práticas a busca pela hierarquização das opressões ao invés de vê-las como intersecções.

Por meio da aproximação entre os estudos *queer* e os estudos sobre deficiência, vemos o surgimento dos estudos *crip* e a corponormatividade enquanto ferramenta analítica. Penso que as criações e citações de conceitos como matrizes “corponormativas”, “heteronormativas” e “neuronormativa” a fim de localizar e denunciar estruturas sociais que produzem e excluem as diferenças ao criar a abjeção, devem ser utilizadas com demasiado cuidado e constante análise. Pois ao mesmo tempo em que defendem o direito à diferença ao denunciarem dispositivos normativos, as mesmas categorias podem acabar reiterando negativamente a diferença ao criarem cada vez mais categorias da diferença, de modo a distanciar cada vez mais os sujeitos e não os aproximar.

Pensar na inclusão para além de tramites legais e do ambiente escolar, mostrou-se uma ferramenta política altamente efetiva para as relações humanas, possibilitando que os sujeitos possam relacionar-se uns com os outros considerando a diferença que cada um carrega, abraçando as singularidades e abandonando uma perspectiva que tende a ser norteada por modelos dominantes. A relação atravessada pela ética inclusiva compreende que cada sujeito é um e, portanto, ao final não temos uma categoria que os defina, mas sim uma multidão *queer* que busca lutar pelo direito à diferença. A ética inclusiva não está apenas no momento em que Paige questiona o formato do baile de inverno, mas sim na sua relação direta com Sam, com a gestão, com as mães; Paige, assim como Zahid destroem uma dicotomia entre normal/anormal e passam a relacionar-se sempre com o sujeito e o seu modo de ser, sem compará-lo ou categorizá-lo e, portanto, limitá-lo.



## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al*, 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 6). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

CAMARGO JR, K. Prefácio à edição brasileira. In: RIOS, C.; FEIN, E. (org.). **Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista**. Tradução: João Sette Camara, Maria Rosa Pereira. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019.

CRUZ, P. S. G.; ALTMANN, H. Atypical: neurodiversidade e pedagogia da sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 66-92, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13047>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CRUZ, P. S. G. **Neurodiversidade (en)cena: gênero e sexualidade na série Atypical**. 2022b. 1 recurso online (170 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/6110. Acesso em: 30 out. 2024.

DINIZ, D. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. **Série Anis**, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MANTOAN, M. T. E. Diferenciar para Incluir ou para Excluir? Por uma Pedagogia da Diferença. In: LUSTOSA, Francisca Geny; MARIANA, Fernando Bomfim (org.). **Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativas cinematográficas**. Fortaleza: Edições UFC, 2017b. p. 25-34. Disponível em: <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2017/10/miolo-final-diversidade-diferenca-e-deficiencia-geny.pdf#page=25>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MCRUER, R. **Teoría Crip: Signos culturales de lo queer y de la discapacidad**. Tradução: Javier Sáez del Álamo. 1. ed. Espanha: Kaótica Libros, 2021.

SASSAKI, R. K. Conhecendo pessoas com deficiência psicossocial. **OABRJ - Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Rio de Janeiro: Autismo: Conhecer e Agir**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [https://oabrij.org.br/arquivos/files/-Comissao/cartilha\\_autismo.pdf](https://oabrij.org.br/arquivos/files/-Comissao/cartilha_autismo.pdf). Acesso em: 7 maio 2021.

SINGER, J. **Neurodiversity: the birth of an idea**, 2017.

VANOYE, F.; GOLIOT-LETÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

